

## ARTIVISMOS LÉSBICOS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES COMO OBJETO DE PESQUISA

**Anahi Bezerra**

*Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, anahibezerracarvalho1@gmail.com;*

**Orientador: Benedito Medrado**

*Professor orientador: Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP, docente e pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, beneditomedrado@gmail.com*

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo compartilhar reflexões feitas no processo de elaboração de projeto de tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Pretendemos abordar algumas discussões que orientaram a construção do meu campo-tema que versa sobre artivismos lésbicos e produção de subjetividades. Pretendemos explorar as tramas que envolvem o processo de construção de um modo de subjetivação lésbico entrelaçado a produções artísticas lésbicas que articulam arte e ativismo político. Para tanto, dialogamos com importantes autoras que contribuíram para o debate sobre as lesbianidades em sua dimensão política, refletindo sobre as potências e os limites de conceitos como heterossexualidade compulsória e contínuum lésbico, e sobre argumentos elaborados a partir do texto “O pensamento heterossexual e outros ensaios” de Monique Wittig. Tais reflexões compõem o panorama construído para compreender a produção de sentidos que atravessam as produções artivistas lésbicas. Destaco ainda, que o objetivo não é analisar produções artísticas, mas sim contribuir para o debate sobre

produções artivistas lésbicas e seu potencial para abrir fissuras na moldura do sistema cisheternormativo.

**Palavras-chave:** Artivismos, lesbianidades, produção de subjetividades.

## Introdução

Este texto reúne algumas reflexões elaboradas durante a construção de meu projeto de pesquisa de tese<sup>1</sup> que foi escrito em meio ao contexto da pandemia do COVID -19<sup>2</sup>. Assim gostaríamos de iniciar essa produção demarcando esta condição em que o projeto foi escrito. As medidas adotadas para conter o avanço do coronavírus provocaram ajustes na rotina acadêmica, que foi modificada pela necessidade de suspensão de atividades presenciais mas não só, a forma como fazemos pesquisa também precisou de adaptações, uma delas foi uma maior imersão no cyberspaço bem como a utilização quase exclusiva de mecanismos de comunicação virtual online, estratégias utilizadas não somente pelos centros educacionais mais também por coletivos e grupos ativistas da sociedade civil para dar continuidade ao calendário de atividades programadas para ocorrer no ano de 2020.

De todo modo, apesar das restrições essa condição tem facilitado o acesso a eventos, cursos, rodas de conversa e falas de teóricas, pesquisadoras e ativistas importantes para a construção das discussões que formam a argumentação teórico-conceitual e metodológica da minha pesquisa, bem como tem contribuído para a aproximação com o que vem a constituir o nosso campo-tema<sup>3</sup> que versa sobre activismos lésbicos e produção de subjetividades.

Nosso objetivo, com essa pesquisa, é refletir sobre como as produções ativistas lésbicas podem contribuir para ampliar horizontes à subjetividade política no contexto recifense. Para tanto, na construção dos caminhos teórico-metodológicos me dediquei a leitura de escritas lésbicas a fim de fortalecer o argumento de que as lesbianidades extrapolam as configurações de orientação sexual ou prática sexual, se constituindo enquanto um posicionamento político de existir no mundo.

1 Projeto de pesquisa de tese sob título “Artivismos Lésbicos e Modos de Subjetivação Política” desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Com financiamento da Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE.

2 Síndrome respiratória aguda grave do coronavírus.

3 Peter Spink (2003).

Neste texto pretendemos dialogar com importantes autoras que contribuíram para o debate sobre as lesbianidades em sua dimensão política, especificamente com Adrienne Rich e Monique Wittig e seus escritos sobre heterossexualidade compulsória e continuum lésbico e pensamento heterossexual, respectivamente. Tais tramas conceituais envolvem o processo de reflexão sobre a construção de modos de subjetivação lésbico entrelaçado a produções artísticas lésbicas que articulam arte e ativismo político.

Em nossas primeiras leituras, destacamos Ochy Curie<sup>4</sup>, segundo a qual, na construção do movimento e pensamento lesbofeminista na América Latina houve alguns pontos de transição importantes, um deles foram as contribuições de Adrienne Rich e Monique Wittig para a construção de uma identidade política lésbica necessária à época para fortalecer o movimento lesbofeminista. Partindo da afirmação desta importante escritora, cantora, pesquisadora e ativista lesbofeminista utilizo algumas reflexões elaboradas em Rich (2010) e Wittig (2006) como panorama para pensar sobre os atravessamentos que perpassam a elaboração da politização das lesbianidades.

Monique Wittig (2006), por sua vez, afirma que sexo é uma categoria social que sustenta uma ideologia da diferença sexual enquanto um regime de naturalização da oposição social entre mulheres e homens. O sexo como categoria política de dominação social fundamenta a heterossexualidade como relação organizadora da matriz de submissão das mulheres nas sociedades patriarcais. A autora discute ainda sobre o pensamento heterossexual como sendo uma base de interpretação totalizadora que universaliza conceitos relacionados as sexualidades e formula leis generalistas para suas regulamentações. [...] “a lesbianidade é elevada ao estatuto de conceito revolucionário em seus escritos” (LESSA, 2007, p.93), principalmente pela afirmação de Monique de que “as lésbicas não são mulheres” (WITTIG, 2006, p.31).

Nesse sentido, Adrienne Rich (2010) problematiza a heterossexualidade a partir da elaboração da categoria de heterossexualidade compulsória e do continuum lésbico. Para a autora, a heterossexualidade compulsória é um regime político de exclusão e confinamento

4 Fala de Ochy Curiel sobre a História do Movimento Lésbico na América Latina na 16ª edição da Ação Lésbica DFE, transmitida ao vivo no dia 23 de agosto de 2020 pelo YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=kearAmsp8Ys>

das mulheres em que a diferença dos sexos é fundamental pois sustenta o status natural de que a biologia dos corpos sexuados definem seu papel social. Assim a heterossexualidade é entendida como um mecanismo de coerção às normas de submissão ao masculino, ou seja, um regime politicamente compulsório que pretende garantir o poder de posse do homem sobre o corpo da mulher uma vez que este só adquire status estando atrelado ao homem a partir de uma relação heterossexual legítima. O continuum lésbico em contrapartida é uma ferramenta de fazer ver as várias experiências de aproximação e identificação das mulheres que não necessariamente precisam estar em uma relação sexual, mas sim colocando no centro a potencialidade do afeto entre mulheres, para Rich esse processo de afetação empodera e fortalece as mulheres.

A lesbianidade como objetivo de uma proposta teórica e política busca articular saberes, vivências, escritas, construídas individualmente e/ou coletivamente por pesquisadoras e/ou ativistas lesbofeministas que pretendem tencionar uma certa ordem hegemônica de dominação via heterossexualidade compulsória. De acordo com Roja (2018), a lesbianidade política é uma aposta teórica que identifica quais são as construções ideológicas que impedem o pleno desenvolvimento das mulheres e de suas vivências sexuais.

Nesse sentido, o acionamento de linguagens artísticas como atos de resistência articulam arte e ativismo, produções estéticas e artísticas e política, partindo do entendimento que ambas estão interligadas intimamente. Essa conexão entre expressões artísticas e ativismo político é algo que por vezes atravessa as vivências de muitas lésbicas que vem contribuindo para as construções epistemológicas do pensamento lesbofeminista, como as autoras aqui mobilizadas Adrienne Rich e Monique Wittig, ambas tem entre suas produções poemas e contos que versam sobre suas experiências políticas entrelaçadas com suas existências lésbicas.

Tais produções teóricas e poéticas foram encontradas a partir do caminho metodológico traçado na elaboração do projeto de pesquisa de tese apresentado no início. Como sabemos toda pesquisa tem seu início na revisão de literatura sobre o campo-tema que compreende a pesquisa, a metodologia apresentada neste artigo trata desse processo de busca e imersão nas produções acadêmicas e em estudos e escritas que estivessem atravessados pelas temática dos ativismos e das lesbianidades e seus processos de subjetivação.

## Sobre a revisão bibliográfica

Ao pensar sobre as dimensões que envolvem o campo-tema desta pesquisa foi feita uma revisão das produções acadêmicas a partir dos descritores: coletivos lésbicos e ativismo; lésbicas artistas; ativismo político; subjetividade lésbica; produção subjetiva e artivimos. A diversidade de descritores se deu pela dificuldade em encontrar produções que articulassem os termos de maneira mais direta.

As buscas foram feitas através dos sites padrão de busca de dados acadêmicos: Scielo, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Google Acadêmico e Periódicos Capes. Foram priorizados materiais em língua portuguesa e/ou espanhol com acesso gratuito na íntegra.

Como resultado desse processo de busca, localizamos um total de 1.200 produções entre artigos, dissertações e teses. A partir de uma seleção mais detalhada sobre a articulação entre produção de subjetividade, lesbianidades e ativismo chegamos a um total de 89 produções, que por vezes tratem da lesbianidade como tema transversal dentro de uma abordagem generalista das sexualidades dissidentes.

Vale destacar que muitas produções que foram utilizadas como referência para a escrita do projeto de pesquisa de tese não estão disponíveis nos sites citados (Scielo, BDTD, Google Acadêmico e Periódicos Capes). Algumas fontes de busca que foram fundamentais para a construção das reflexões teórico-conceituais principalmente sobre lesbianidades, foram encontradas em sites independentes criados por ativistas lésbicas para difusão de materiais e escritas lésbicas. São eles: Lésbicas e Sapatões Independentes, Nuvem Sapatão, Ciranda Bruta, Brejeira Malagueta, Heresia Lésbica e Aversão Poetiká.

Todas as páginas têm em comum o objetivo de compartilhamento de produções lésbicas não-institucionais e autônomas, também se destinam a tradução de textos e difusão de vídeos, ações, eventos, encontros que fomentem discussões sobre feminismos e lesbianidades, assim como se fundamentam a partir de uma prática anti-racista, de coletividade e descolonização dos corpos lésbicos, algumas ainda integram a luta não especificista e ambientalista.

Muitas das páginas citadas mantêm perfis na rede social do Instagram nos quais divulgam materiais e eventos de coletivos e

acadêmicos. Outra fonte importante de materiais tem sido as bibliografias disponibilizadas por alguns cursos que tenho feito na modalidade de Ensino à Distância (EAD) de temas que integram a elaboração teórico-metodológica da minha pesquisa como, por exemplo, cursos de curta duração realizados pela professora Helena Vieira pesquisadora, escritora e ativista transfeminista.

Assim chegamos aos textos utilizados como base para a construção das reflexões apresentadas neste trabalho: Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbicas (Rich, 2010) e O Pensamento Heterossexual e Outros Ensaios (Wittig, 2006).

Após a escolha dos materiais que seriam utilizados como base para a construção do arcabouço teórico foi realizada uma revisão aprofundada dos arquivos selecionados, seguindo as seguintes etapas: a) descrição de cada trabalho – tema, autores, ano e local de publicação, objetivo do estudo; b) leitura reflexiva dos trabalhos e construção de resumos; c) elaboração crítica das leituras realizadas em articulação com o campo-tema de pesquisa.

### **“Há toda uma trama de constelações, de memórias e práticas de resistência, que podem nos guiar nessa árdua e bela caminhada comum”<sup>5</sup>**

Identificamos em nosso levantamento que inicialmente os estudos sobre lesbianidades se deram no bojo das pesquisas sobre homossexualidades, contudo, na virada do século XIX para o século XX as relações afetivo-sexuais entre mulheres passou a compor o campo de curiosidade científica e social através do ato da nomeação. De acordo com Navarro-Swain (2000) a história que se fez sobre a lesbianidade foi forjada a partir de uma “política do esquecimento: apaga-se ou se destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência das tradições e valores que são dominantes em determinada época” (p.15).

Uma das heranças desse processo de silenciamento das lesbianidades é percebido pela ausência de estudos que versem sobre as práticas lésbicas mas também pela existência de trabalhos enviesados

5 Michele Torinelli (2018): <http://vidaboa.redelivre.org.br/2018/01/09/cosmovisoes-comunidades-eresistencias-na-america-latina-o-tecido-vivo-do-bem-viver/>

que falam a partir de um referencial masculino, somente no final do século XX houve um crescimento nas publicações sobre lesbianidades a partir de saberes localizados (HARAWAY, 1995). Nesse sentido, algumas pesquisadoras, e aqui estou me colocando dentre elas, têm trabalhado para minimizar os efeitos de milênios de apagamento (MORAGA e CASTILLO, 1988; BLACKWOOD, 1999; LANG, 1999; MOGROVEJO, 2000; NAVARRO-SWAIN, 2000; FALQUET, 2001; LESSA, 2007a; CAMPOS, 2014; SILVA, 2017), se propondo a resgatar as experiências vividas por mulheres lésbicas ao longo dos tempos.

De acordo com Falquet (2001) há reflexões e movimentos diversos em várias partes do mundo que vem construindo um debate político sobre o termo lésbica que se firma na reivindicação do reducionismo presente na utilização do termo homossexual e/ou gay, uma vez que por muito tempo as práticas lésbicas foram compreendidas como um apêndice da homossexualidade. Assim, palavra lésbica foi sendo reivindicada pelo movimento lésbico para apontar um sentido coletivo e político, “nesse contexto, a palavra lésbica se refere a uma lesbianidade política, que é gerada como uma crítica em forma de ação e um questionamento teórico ao sistema heterossexual de organização social” (FALQUET, 2001, p.20. /Tradução da autora).

No processo de afirmação teórica do movimento lésbico, gostaria de destacar três lésbicas, poetas e teóricas que construíram escritas que reverberam até os dias de hoje. Adrienne Rich, poeta americana, lésbica e feminista, que cria duas categorias que se propõem a desconstruir a naturalização das relações sexuais e sociais: a heterossexualidade compulsória e o continuum lésbico (RICH, 2010); Monique Wittig, poeta francesa, romancista, lésbica e feminista, que a partir dos textos “O pensamento heterossexual e outros ensaios” (2006) aponta alguns argumentos como: 1. a lésbica não estaria inserida no regime da heterossexualidade; 2. o discurso da heterossexualidade é a base de sustentação das opressões das mulheres; 3. as lésbicas seriam aquelas que rompem com a hierarquização heterossexista e, 4. o lesbianismo tem o potencial de extrapolar as categorias homem e mulher; e Audre Lorde, escritora, caribenha-estadunidense, poeta e ativista pelos direitos civis, negra, lésbica e feminista, “guerreira” e “Mãe”, seus ensaios interseccionam racismo, feminismo, lesbianidade e erotismo, além de uma crítica ao movimento feminista hegemônico branco e de classe média, sua escrita tem como foco a teoria da diferença a partir da ideia de “Irmã Estrangeira”, a que está fora sendo

triplamente invisibilizada, enquanto mulher, negra e lésbica: “eu sou definida como Outro em cada grupo que faço parte”. A autora problematizou a simplicidade na análise do feminismo pautada apenas no binarismo de gênero, o que ocultava os atravessamentos de raça e classe que constituem a categoria mulher (LORDE, 2019).

Outra escrita potente na virada de politização da lesbianidade foi o manifesto da Coletiva do Rio Combahee: Uma declaração Negra Feminista (1977). Um dos temas norteadores da Coletiva do Rio Combahee, era a crítica a política da sexualidade que “Acreditamos que a política sexual sob o patriarcado é tão pervasiva nas vidas das mulheres negras quanto são as políticas de raça e classe” (1977, p.200).

Podemos considerar que tanto as categorias da “heterossexualidade compulsória” de Rich (2010), como “os ensaios do pensamento heterossexual” (Wittig, 2006), principalmente “A Categoria Sexo” (p.21), “Não Se Nasce Mulher” (p.31) e “O Pensamento Heterossexual” (p.45), se configuram como escritas fundamentais na estruturação inicial dos debates em torno de uma lesbianidade enquanto teoria política. As autoras constroem suas categorias em correlação, pois ao estabelecer sexo como uma categoria de dominação social Wittig (2006) propõe que sexo se constitui enquanto condição política que funda a sociedade como heterossexual observando que sexo é uma construção social pois é interpretado de diferentes maneiras em culturas e contextos históricos diversos e não uma naturalização biológica, apontando o caráter compulsório que sustenta a subordinação das mulheres aos homens em que não há mulher sem homem, logo, é criado um sexo oprimido e um sexo que oprime. Já em Rich (2010) temos a construção da heterossexualidade como um regime político de naturalização dos sexos, a heterossexualidade é compulsória por ser a normativa que mantém mulheres e homens em lugares sociais distintos: as mulheres - feminino representam a incompletude e inferioridade do sexo frágil e o homem - masculino representa a autonomia e a força do sexo dominante. Tais representações estão diretamente sustentadas por um pensamento heterossexual que produz uma interpretação totalizadora que universaliza conceitos e formula leis generalistas instrumentalizadas através de dispositivos regulatórios como políticas públicas, mídias publicitárias, instituições religiosas, tal qual discute Wittig (2006).

Cabe notar que Rich (2010) reflete sobre a heterossexualidade dentro de um sistema de organização social patriarcal, em que a existência lésbica é um ato de resistência ao regime da heterossexualidade compulsória, contudo, ao tratar do continuum lésbico a autora não põe no centro das relações lésbicas as práticas sexuais entre mulheres.

Entendo que o termo continuum lésbico possa incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher e através da história – de experiências de identificação da mulher, não simplesmente o fato de que uma mulher tivesse alguma vez tido ou conscientemente tivesse desejado uma experiência sexual genital com outra mulher. [...] Quando, porém, nós nos aprofundamos e ampliamos o conjunto do que definimos como existência lésbica, quando delineamos um continuum lésbico, começamos a descobrir o erótico em termos femininos: como ele não é confinado a qualquer parte do corpo ou apenas ao corpo em si; como uma energia não apenas difusas, mas a ser, tal como Audre Lorde chegou a descrever, onipresente no “compartilhamento de alegria, seja física, seja de poder ou, então psíquica” e na repartição do trabalho; que o erótico é como a alegria que se fortalece e que “nos faz com menos vontade de aceitar a ausência de poder ou, então, aqueles outros estados adquiridos do ser, que não são nativos para mim, tal como a resignação, o desespero, depressão e a autonegação” (pp. 35-37).

Rich (2010) inter-relaciona a libertação das mulheres a uma ampliação do erótico a partir da identificação entre mulheres, uma identificação consciente com o feminino, o conceito de continuum lésbico afirma a potência existente na escuta e valorização entre mulheres ampliando o que se diz como lesbianidade, busca expandir o acolhimento das diferenças, de celebrar as diferentes formas de tornar-se mulher e/ ou lésbica.

Outra contribuição importante para a construção das teorias lésbicas é o conceito de inteseccionalidade “forjado nos anos 80 por feministas negras norte-americanas preocupadas em entender os sistemas de dominação formados a partir do modo como raça, classe, sexualidade e gênero se interligam” (CARDOSO, 2012, p. 55). A complexificação da análise das matrizes de opressão que compõem a sociedade é oferecido pela perspectiva da interseccionalidade que se

constitui enquanto ferramenta teórica e metodológica que reconhece a correlacionalidade entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. Tal termo, definido a partir do feminismo negro desfaz “a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única” (AKOTIRENE, 2019, p. 14).

Para a construção de um projeto teórico epistemológico de afirmação da lesbianidade política é fundamental enxergar os espaços de constituição subjetiva em sua polivalência de disputas simbólicas que tem potência de produzir condições de existências fora do regime heterossexualidade compulsória.

A lesbianidade política é uma política da linguagem, uma política do corpo, uma política da paixão, uma política da criatividade em que “a imaginação direciona essa paixão, porque poucas de nós tem ‘modelos’ aos quais se espelhar. Essa paixão pode se tornar uma paixão pela comunidade política, por uma vida/existência criativa, por uma vida marcada pela marginalidade” (HAWTHORNE, 2003, p.4).

## **Artivismo lésbico: uma proposta para uma existência lésbica política e criativa**

“Artivismo” é um neologismo utilizado para se referir a relação entre arte e ativismo político, é um modo de usar a criatividade artística no enfrentamento das situações de conflito utilizando as ruas como palco principal de atuação. De acordo com Raposo (2015) a prática artivista vai além da ligação entre arte e política, exige um posicionamento político dos sujeitos que se autodenominam artivistas.

Entendo que as práticas artivistas se configuram como intervenções poéticas e performativas que tem potencial de ultrapassar fronteiras políticas através de linguagens diversas e acessíveis pois lidam com o sensível, com as formas como se significam o mundo e as relações que o constituem. Por não estarem fixadas em um formato único, pois são utilizadas formas de comunicação para além da escrita ou fala, se tornam visíveis e visibilizam conteúdos, são por vezes mescladas com imagens e/ou sons, montagens, colagens, performances, se apresentando nas ruas, nos muros, nas telas, em espaços públicos, privados, tecnológicos, nas escolas, universidades.

Sendo assim, as produções artivistas constroem conexões entre manifestos e manifestações, desobediência civil com a ambição de construir um conjunto de ações e práticas que possam abrir espaço

para subjetividades transgressoras, uma vez que as produções estéticas e políticas que colocam em xeque as fixações de corpos e sexualidades atrevem-se a fazer visível as maneiras outras de prazer e de viver o mundo.

Essas experimentações artivistas podem ser encontradas em vivências de diversas mulheres lésbicas, além dos exemplos já trazidos no texto, Adrienne Rich, Monique Wittig e Audre Lorde, podemos falar desde Safo de Lesbos, considerada por Platão como a décima musa entre os grandes poetas gregos (NAVARRO-SWAIN, 2000); Stormé DeLarverie, uma lésbica negra butch que utilizava o trabalho artístico como DragKing para sobreviver, mas também era MC e esteve presente na revolta de Stonewall em 1960; Valerie Solanas, uma lésbica feminista radical, escritora, dramaturga e atriz, seu trabalho mais conhecido é o SCUM Manifesto que celebra a libertação e a união das mulheres e propõe a dissolução de sua vinculação aos homens, uma chamada lésbico-separatista para a criação artístico-cultural exclusivamente de e para mulheres; Alice Walker lésbica negra, autora de *A cor púrpura* (1982); Kitty Tsui, escritora, poeta, ativista e body builder nascida em Hong Kong nascida em 1952; Zanele Muholi, lésbica negra, fotografa e ativista visual sul-africana nascida em 1972; Chavela Vargas nascida em 1919, lésbica mexicana, cantora de ranchera, um gênero musical popular no México, affair declarado de Frifa Kahlo; Margarida Pisano, lésbica e poeta chilena nascida em 1932, fundadora do Movimento Rebelde del Afuera; Rita Moreira, lésbica, cineasta brasileira, pioneira na produção de cinema com temática lésbica nascida em 1944; Cassandra Rios, lésbica escritora nascida em 1932, que foi perseguida durante a ditadura brasileira e teve mais de 20 publicações censuradas; Vange Leonel, lésbica paulistana, cantora, escritora, compositora e ativista nascida em 1963; Leci Brandão, lésbica negra, sambista brasileira nascida em 1944, que estampou uma capa do *Jornal Lampião da Esquina*, falando abertamente sobre sua homossexualidade em um meio de comunicação.

Algumas dessas mulheres lésbicas citadas não tem necessariamente um ativismo político institucionalizado, vinculado a um movimento social organizado, mas quando entendemos a lesbianidade como um posicionamento político, consideramos que o seu fazer artístico está engendrado pelo seu fazer político, pois a própria lesbianidade incorpora uma proposta teórica e política. Penso também, em como essas artistas lésbicas, ao lançarem suas criações para a

contemplação, inspiram provocações e tensionamentos, pois os sujeitos que se aproximam das produções também consideram as posições ocupadas pelas mulheres que as criam, que ao se afirmarem lésbicas, aguçam o envolvimento crítico, o engajamento político, ativando de modos de ver e viver o mundo.

## Considerações finais

Nesse primeiro exercício de sistematização de informações produzidas a partir da revisão de literatura, identificamos que uma das características das produções artistas é pensar, a partir da articulação entre arte e ativismo político, maneiras de promover a transformação social através da expressão visual, sonora, performática, entre outras linguagens que contam histórias na primeira pessoa. Quando somados as formas de sexualidades insurgentes, as linguagens estéticas ganham status de manifesto contrassexual (PRECIADO, 2014), materializando, dando forma, voz, cores e movimentos as experiências que desafiam a heterossexualidade compulsória, criando maneiras outras de ver e viver no mundo, de expressar os desejos sexuais, de visibilizar o prazer como constitutivo da nossa corporeidade mas também da nossa subjetividade.

Vale ressaltar que algumas produções artísticas lésbicas talvez não reconheçam ou não se identifiquem a partir de seu potencial de produção de mudanças sociais e/ou políticas, ao gritar por meio das artes suas existências, promoveram ressonâncias que reverberamos modos de se pensar lésbi nos diferentes contextos socioculturais. Atualmente temos uma diversidade de artistas lesbofeministas que têm produzido conteúdos visuais e performáticos como fanzines, pichações, fotografias, autorretratos, videoart, escrevivências, entre outros, essas artistas estão nas acadêmias, na literatura, no audiovisual, nos Slams, e devido a pandemia estão principalmente nas redes sociais, divulgando seus trabalhos e organizando eventos virtuais, exposições e encontros, produzindo ativismos, conhecimento e possibilidades de viver.

## Referências

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BLACKWOOD, E. “Tombois in West Sumatra: constructing masculinity and erotic desire”. In: Saskia Wieringa y Evelyn Blackwood. Ed.: Same sex relations and female desires. Transgender practices across cultures. New York: Columbia University Press, pp. 181 -205, 1999.

CAMPOS, N.C. A lesbianidade como resistência: a trajetória dos movimentos de lésbicas no Brasil – 1979-2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2014.

CARDOSO, C.P. Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

FALQUET, J. Breve Reseña de Algunas Teorías Lésbicas. México, Ed.: fem-e-libros, 2004. Disponível em: <https://we.riseup.net/sapafem/lesbianismojules-falquet>.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.

LANG, S. “Lesbians, Men-Women and Two-Spirits: Homosexuality and Gender in Native American Cultures”. In: Saskia Wieringa and Evelyn Blackwood. Ed.: Same sex relations and female desires. Transgender practices across cultures. New York: Columbia University Press, pp. 91-118, 1999.

LESSA, Patrícia: Feminismo Lesbiano em Monique Wittig. Revista Ártemis – Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades, n.7, Dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2154>.

LORDE, A. Irmão outsider: Ensaio e conferências. Tradução. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MOGROVEJO, N. Un amor que se atrevió a decir su nombre. La lucha de las lesbianas y su relación con los movimientos homosexual y feminista en América Latina. México: Plaza y Valdés, CDAHL, 2000.

MORAGA, C. CASTILHO, A. Esta puente, mi espalda. Voces de mujeres tercermundistas en Estados Unidos, Tradução: CASTILLO, A. ALARCÓN, A. Ed.: Ism Press, San Francisco, 1988.

NAVARRO-SWAIN, T. O que é lesbianismo?. São Paulo. Ed.: Brasiliense, 2000.

PRECIADO, B. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de Arte e Antropologia, v.4, n.2, p.3-12, 2015.

RICH, Adrienne. A heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. Revista Bagoas, n.05, p.17-44. 2010. Disponível em [http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01\\_rich.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf).

ROJA, Z.O. Ética lésbica criativa e atrativa. Tradução Pâmela Maria. 2018. Disponível em: <https://cirandabruta.noblogs.org/page/2/>.

SILVA, M.M.T. A identidade e a vivência da maternidade lésbica negra em Recife-PE. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação/ Direitos Humanos, 2017.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: Uma perspectiva pósconstrucionista. Psicologia & Sociedade, 15 (2), p. 18 -42, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>.

WITTIG, M. El pensamiento heterosexual y otros ensayos. Tradução Javier Sáez e Paco Vidarte. Editorial EGALES, 2006. Disponível em: <https://heresialesbica.noblogs.org/biblioteca-2/>.

Uma Declaração Negra Feminista– A Coletiva Rio Combahee, 1977. Disponível em: <https://heresialesbica.noblogs.org/biblioteca-2/>.